



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 88

Eu sou um deles

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Essa semana no Apresenta, a gente tem duas histórias sobre experiências desconcertantes. A experiência de se ver do outro lado da trincheira onde você tava, e de ter que lidar com isso.

No nosso primeiro ato de hoje, a única certeza é uma trilha sonora. Essa história é do Evandro Cruz Silva.

ATO 1 - VIOLENTAMENTE PACÍFICO

Evandro Cruz Silva: Eu sou um homem negro. Sou escritor e acadêmico. No ano passado, eu virei doutor em Ciências Sociais. E virar doutor, pra alguém como eu, não foi fácil.

Eu cresci nos anos 90 na periferia da Baixada Santista, em São Paulo. Era um lugar violento. Uma viatura da polícia militar ficava parada na frente da minha escola o dia inteiro. E não era à toa.

A primeira vez que eu vi uma arma foi dentro dessa mesma escola. Um colega decidiu levar um revólver pra sala de aula pra intimidar um outro menino que passou o mês batendo nele. A gente tava no fundo da sala, ele abriu a mochila e me mostrou.

O meu pai era motorista de ônibus. Ele teve até um treinamento especial pra poder sair do veículo quando o pessoal do crime botava fogo no ônibus. Poucas coisas são mais marcantes do que ver um ônibus pegar fogo na rua da sua casa. Eu já vi alguns.

O meu pai trabalhava muito, e a minha criação mesmo quem fez foi a minha mãe, que é evangélica e muito resguardada. A minha infância se resumia a ir da escola pra casa, da casa pra igreja. E só.

Era o jeito deles de me proteger de um mundo hostil, mas que... ao mesmo tempo, tava com os braços abertos pra me receber. O mundo do crime.

Eu comecei a entender mesmo esse mundo, esse mundo do crime ao meu redor, quando eu tinha uns 12 anos. Foi nessa época que eu conheci os Racionais.

Eu lembro de ouvir o álbum "Nada como um dia após o outro dia" no toca-CD do golzinho cinza que o meu pai tinha. Depois, eu ouvi "Sobrevivendo no inferno", que era mais antigo.

Nesse disco, no "Sobrevivendo no inferno", tem uma música que ia me acompanhar, quase me perseguir, até hoje. Capítulo 4. Versículo 3. Até hoje eu consigo citar cada verso dos oito minutos e sete segundos dessa música.

O eu-lírico é um cara paulistano, periférico e pobre que observa os caminhos que tão abertos pra caras como ele. O da pobreza. O do crime. O do vício.

Mas ele, o eu-lírico, se recusa a cair em cilada. É uma crônica sobre transferir parte desse fardo que o narrador carrega pra outras pessoas. Sobre fazer com que as outras pessoas também se incomodem com o que ele passa.

*Violentamente pacífico
Verídico, vim pra sabotar seu raciocínio
Vim pra abalar seu sistema nervoso, e sanguíneo*

Racionais é um acontecimento existencial na minha vida. É mais do que uma trilha sonora. Vira e mexe eu uso as músicas e as letras deles pra tentar organizar a minha cabeça.

Terminei o namoro? Dou play numa música. Tô desmotivado? Dou play em outra música.

Isso tá longe de ser uma exclusividade minha. É só você ir num show dos Racionais pra entender como os "quatro pretos mais perigosos do Brasil" são mais que um mero grupo musical.

Eles me deram o mapa e o escudo pra sobreviver ao meu próprio inferno.

Eu era um moleque pobre, com toda a chance de não "ir longe", de não cruzar "da ponte pra lá", como eles dizem numa outra letra. Mas eu consegui. Eu entrei num mundo onde gente que nem eu não era bem-vinda até pouco tempo atrás.

Se não fossem as cotas, talvez eu não conseguisse dizer que hoje eu sou doutor. Mas eu não virei as costas pra realidade de onde eu vim. Pra virar o "Doutor Evandro", eu passei anos pesquisando violência urbana, tráfico, polícia...

E se eu tivesse que resumir as minhas bandeiras em duas frases, elas seriam assim:

UM: sempre que eu posso, eu defendo os direitos de pessoas negras;

DOIS: se eu pudesse, eu acabaria com a existência da polícia.

Eu tentei seguir o que o Brown cantou. Dividir parte do meu incômodo. E, em vez de julgar quem sucumbiu na realidade que eu cresci, eu dediquei minha vida acadêmica a entender essas pessoas.

E aí talvez more um conflito que é meu, mas também é de muita gente. Eu escuto Racionais pra pensar nas situações que as letras cantam, mas eu nunca vivi essas situações. Eu estudo periferia urbana pra tentar entender esses modos de vida, mas eu não sou mais uma pessoa pobre e periférica.

E eu não tinha sacado o que esse jogo de perspectivas, essa relação de pertencimento e distância, eu não tinha sacado o que tudo isso significava até eu me ver numa encruzilhada. Até o meu discurso – o discurso de um acadêmico negro, anti-racista, abolicionista penal – ser colocado à prova.

Aconteceu em janeiro do ano passado, 2023.

Foi tudo muito rápido. Eu tava esperando um Uber, eram umas 10 da manhã.

Quando eu me dei conta, tinha um moleque apontando uma arma pra minha cabeça.

Era um moleque muito preto e muito magro, com uma cicatriz no pescoço. Era um revólver calibre 38, preto, velho, meio enferrujado. Eu sei disso porque talvez eu nunca tenha prestado tanta atenção num objeto.

Ele chacoalhava aquela arma na minha frente e gritava: “A mochila, o celular e o relógio”.

Eu pisquei e eu tava no meio de uma briga com o garoto. Sem pensar direito, eu empurrei ele e tentei acertar ele com um soco. Foi patético. Eu não sei brigar. Eu não sou um cara violento.

Mas naquela hora eu reagi com ódio. Ódio daquele garoto e da atitude dele. Uma vontade sincera de proteger os meus pertences, mas também de socar ele, de fazer ele "pagar" por alguma coisa que até hoje eu não sei muito bem o que é. Uma espécie de desejo difuso por vingança.

A gente ficou uns segundos, talvez um minuto nesse vai-não-vai. Eu não querendo entregar as minhas coisas, e ele não querendo atirar. Aí ele arrancou as minhas coisas e saiu correndo. Levou o meu celular, o meu relógio e a carteira com os meus documentos.

O celular eu tinha comprado depois de um ano de economia. O relógio era presente do meu pai. De jeitos diferentes, esses dois objetos tinham muito valor pra mim. Mas eu ainda não consigo entender como é que eu quase causei a minha própria morte por causa de um celular e de um relógio.

Talvez você que tá me ouvindo já tenha passado por uma situação parecida. Todo dia, milhares de pessoas são roubadas no Brasil no Brasil. E ninguém nunca sabe como vai reagir.

Mas o que me interessa aqui é o que veio um pouco depois.

Eu acho que o que ocupa a nossa cabeça no momento pós-violência diz muito sobre quem a gente é e o que esse tipo de situação representa pra gente.

Eu já ouvi de tudo: de gente que pensou na mãe depois de um assalto. De gente que pensou na morte. De gente que não pensou em nada, só caiu num choro desesperado.

Eu pensei em duas coisas. Primeiro, na música "Capítulo 4, Versículo 3" dos Racionais...

*Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério
Explode sua cara por um toca-fita velho
Click pláu, pláu, pláu e acabou...*

Em seguida, eu pensei na pergunta: E agora, eu vou defender o moleque preto com a arma na mão que acabou de me assaltar? E a quem eu vou recorrer, se não à polícia?

O Mano Brown não tinha cantado o que fazer quando um cara igual a você, da tua cor, te assalta... e você não morre na ponta do cano.

Ele até fala de um cara que é assaltado no rap e que não morre... só que eu não queria acreditar, de jeito nenhum, que eu era esse cara.

*Playboy forgado de brinco: cu, trouxa
Roubado dentro do carro na avenida Rebouças*

Eu era um playboy forgado? Era só nisso que eu conseguia pensar sentado na delegacia, esperando ser atendido.

O assalto aconteceu em Salvador, na cidade mais negra do planeta fora do continente africano. Que também é a capital do estado que tem uma das polícias que mais mata no Brasil.

Foi na esquina de uma dessas ladeiras muito íngremes nos arredores do Pelourinho, não muito longe de onde eu tava hospedado.

Se eu não precisasse das minhas coisas pra seguir viagem, principalmente do meu documento, talvez eu não tivesse ido pra delegacia. Mas lá tava eu.

Eu registrei o boletim de ocorrência na Deltur, uma delegacia da Polícia Civil especializada em crimes contra turistas – que deixava a diferença entre criminoso e vítima ainda mais gritante.

Um casal de chineses tava lá porque eles tinham perdido os iPhones num uber. Eu vi ali a polícia trabalhando com um senso de urgência que é difícil de encontrar em outros lugares. Não só um policial civil foi escalado apenas pra encontrar o uber onde o casal tinha perdido os iPhones, como atribuíram também um policial militar “exclusivo” pra mim.

Era um cara nervoso, esbaforido. Acho que era Augusto o nome dele. Ele prometeu que ia “caçar” o moleque. Disse alguma coisa do tipo: “Essa raça é uma desgraça, vamos caçar”.

Quando a escrivã de polícia me perguntou com qual raça e cor eu me declarava, eu respondi: "negro". Quando ela me pediu uma descrição do assaltante, eu falei "negro". E se ela me perguntasse qual a cor do PM esbaforido, eu ia falar: "negro".

Mas ali, pra cada um de nós três, ser negro tinha um significado muito diferente.

Aquele garoto magro que tinha apontado a arma pra mim com certeza não me consideraria "um dos seus". Pra ele, eu era um playboy distraído numa esquina.

Pro policial, o moleque retinto que ele ia "caçar" também não tava entre "os seus".

Ali, ninguém era irmão de ninguém.

Quando eu tava quase acabando o meu depoimento, um outro policial chegou na delegacia. Ele tava segurando um garoto muito magro e muito preto, e me perguntou se aquele era o assaltante. Parecia que ele tava só esperando eu dizer um "sim".

Horas antes, eu tava com o cano de uma arma apontado pra minha cabeça. Mas foi ali na delegacia onde eu me senti mais angustiado. Aquele moleque ali na minha frente, o policial dominando ele, a espera da resposta, o calor... Minha cabeça doía.

O ambiente de uma delegacia é um negócio assustador. O papo lá dentro é que assusta. Se você entra na onda dos policiais, daqui a pouco você também tá nessa de "caçar bandido". E se não acharem o assaltante, mas acharem outro moleque igual, tá ótimo. "Foda-se. Pega qualquer um aí."

A realidade que me angustia ali é que eu podia muito bem dizer "sim, é ele", e me vingar do que tinha acontecido. Canalizar toda a minha raiva e todo meu ressentimento numa denúncia falsa. Não era ele o assaltante, mas e daí? Não poderia ser?

Eu não vou ser falso e dizer que essa possibilidade não passou pela minha cabeça. Com uma palavra minha, um garoto negro e pobre ia ser preso. Não ia ser novidade. Pessoas negras são alvo de acusações falsas todo dia, seja por engano ou por vingança.

No fim das contas, eu falei a verdade. "Não, não é ele. O garoto que me roubou era mais novo. Mais alto. Tinha uma cicatriz no pescoço. Tava com outra roupa."

Nada batia... só a cor.

O policial pareceu não gostar da resposta. Acho que ele ficou meio decepcionado.

Depois do assalto, eu fiquei paranoico. As ruas agora tavam parecendo perigosas. Eu comecei a me assustar com a presença de qualquer pessoa desconhecida, preta ou pobre.

Aí eu e a minha companheira decidimos pegar as nossas coisas e procurar um hotel em outra parte de Salvador. E a gente acabou se mudando prum lugar que, na verdade, nem parecia a mesma cidade. A Barra. Um bairro umas dez vezes mais branco e mais elitizado do que o que a gente tava antes.

Eu me senti patético. Como se o assalto e tudo o que aconteceu depois tivessem revelado uma coisa vergonhosa: que eu era, na verdade, mais classe média do que negro.

Parecia que eu não tinha entendido nada direito. Racionais, Angela Davis, Abdias do Nascimento, Fanon... nada. Nada do que eu tinha estudado ia me salvar da armadilha de agir como a classe média que eu tanto critico.

Aquele moleque preto com uma arma na mão era meu inimigo de classe, mesmo que eu visse ele como "um dos meus".

O que acontece quando pessoas negras ascendem e viram potenciais alvos da violência urbana? O que acontece quando você vira parte de uma classe de consumo que agora tem o que perder? O que acontece quando você mora num país que coloca pessoas negras contra pessoas negras?

*Um dia um PM negro veio embaçar
E disse pra eu me pôr no meu lugar
Eu vejo um mano nessas condições, não dá
Será assim que eu deveria estar?*

Muita coisa mudou desde 1997, desde o lançamento de "Capítulo 4, versículo 3". Acho que a maior mudança foi o surgimento de uma geração que saiu das periferias, se formou nas melhores faculdades do país, e agora tenta criar uma classe média negra.

Na música fala que só 2% dos alunos das universidades brasileiras eram negros. Hoje, praticamente metade dos estudantes são. E eu, naquela esquina, era um deles.

Quando eu publiquei o meu primeiro texto sobre essa história, que saiu ano passado na revista Serrote, várias pessoas vieram me contar que se identificaram com o que eu tinha sentido.

Pessoas que tinham vindo da periferia e agora se sentiam meio deslocadas na classe média. Gente que foi assaltada e ficou sentindo ódio e culpa ao mesmo tempo. Gente que hoje se constrange ao visitar a família e perceber que tá ganhando melhor que todo mundo ali.

Mas eu sabia que escrever aquele texto também era meio perigoso, assim como contar essa história, que eu estou te contando aqui. Eu sabia que essa conversa podia pegar mal pra mim.

Eu sabia que ia ter gente branca comentando alguma coisa do tipo "putz, você escreveu sobre uma coisa que eu pensava, mas nunca tive coragem de falar". Como se eu tivesse revelando o grande segredo de que pessoas negras também têm conflitos entre si.

Ou como se a minha experiência fosse um sinal de falência das políticas de identificação – já que era "um preto contra o outro".

E eu já imaginava que as minhas reflexões iam causar um certo rebuliço até dentro da minha família. Porque, sim, tem policiais na minha família. E eles sabem que eu sou um abolicionista penal, que eu acho que a polícia tem que acabar.

Quando o meu cunhado leu o texto na revista, ele ficou maravilhado. Pra ele, é como se o meu relato fosse uma prova da necessidade da polícia. "Ah, não gosta da polícia? Vai lá, chama o Batman pra te socorrer agora". Um clássico.

O engraçado é que nenhuma das duas interpretações – a da falência da identificação e a da necessidade da polícia –, nenhuma delas se sustenta. Porque nem a polícia resolveu o meu problema, e nem o garoto me assaltou porque eu sou negro.

*Mas não, permaneço vivo, prossigo a mística
Vinte e sete anos contrariando a estatística*

"Permaneço vivo, prossigo a mística. Vinte e sete anos contrariando a estatística". No meu caso, 31 anos. Mas eu não posso afirmar que aquele garoto – aquele que me assaltou – vai ter a mesma oportunidade de não morrer violentamente, de não ser massacrado pela polícia, de sobreviver no inferno.

É verdade que essa minha história não vem com uma resolução.

Eu aponto pra dilemas que eu não sei responder.

E eu sinto que os caras dos Racionais fazem isso também.

As músicas deles levantam um monte de perguntas difíceis, toda hora. E tem uma coisa bonita nessa naturalidade com a irresolução. Tem uma humildade de entender que a maioria das perguntas importantes não tem resposta. Mas que isso não é motivo pra não fazer essas perguntas.

Por exemplo: Como é que você faz pra ter dinheiro sem cair em armadilhas de classe? Sem cair na ideologia da polícia? Como é que você faz pra continuar sendo feliz e esperançoso num mundo que é violento contra você?

Eu não acho que existe resposta pra essas perguntas.

O único jeito é prosseguir a mística, continuar escrevendo.

Sobreviver no inferno, um dia após o outro dia.

Branca Vianna: Esse foi o Evandro Cruz Silva, colaborador da Novelo.

No segundo ato do episódio de hoje, não tem arma em punho.

Mas tem uma pessoa apontando uma câmera pra outra – que é um instrumento que parece menos ameaçador, mas pode ser tão perigoso quanto.

Essa história é sobre alguém que passou de um lado da câmera pro outro – com consequências pro cinema mundial. Quem conta é a Carol Pires.

ATO 2 - CINEMA YANOMAMI

Carol Pires: Em meados de 2023, eu tava em Boa Vista, em Roraima, e tinha combinado de encontrar com um cineasta que eu só tinha conversado antes pelas redes sociais. Ele me disse que ia tá dando uma oficina de audiovisual, e que eu podia passar por lá.

Pedro Portella [na aula]: Entenderam? É só pegar a pasta e jogar...
Às vezes ele não acha aqui...

Carol Pires: Eu cheguei no meio da aula. Ele e o outro professor tavam ensinando um grupo de jovens indígenas a usar um programa de edição pra montar um filme com imagens que eles tinham gravado pela cidade.

Pedro Portella: A gente não quer colocar na nossa linha do tempo, então a gente não vai utilizar.

Carol Pires: Essa voz é do cineasta Pedro Portella. Mas não foi ele que eu fui encontrar.

Pra explicar os conceitos da edição - neste caso, como arrastar as mídias para a timeline - o Pedro tava usando metáforas.

Morzaniel Iramari: *Na nossa roça, a gente vai colocar só a fruta, a banana madura.*

Carol Pires: Daí essas instruções eram traduzidas para outra língua, o Yanomae. Esse é o Morzaniel. Foi ele que eu fui conhecer.

Morzaniel Iramari: Bom, meu nome é Morzaniel Iramari Aranariutheri. Eu sou lá da região do Demini do Amazonas. Sou cineasta Yanomami. Tenho 43 anos ainda, não sei. Não conta idade.

Carol Pires: Você não conta a idade?

Morzaniel Iramari: Conta a idade, não. Nem o que é idade.

Carol Pires: O Morzaniel cresceu entendendo o tempo de outra forma, mais cíclica do que linear.

Além de cineasta, ele é tradutor de línguas, de mundos e de tecnologias que ele próprio, quando tinha a idade dos alunos dele, também não conhecia.

Carol Pires: Me conta aquela história de quando foi a primeira vez que você viu uma câmera?

Morzaniel Iramari: Quando eu vi a primeira vez, eu vi a câmera. A pessoa vinha para fazer uma gravação do Davi.

Carol Pires: Davi é o Davi Kopenawa, xamã Yanomami. E, nos anos 80, quando o Morzaniel era criança, o Davi tava virando um porta-voz da comunidade.

Morzaniel Iramari: Jornalista, repórter, chegava muito. Aí que comecei a encontrar câmera.

Carol Pires: Nessa primeira vez que você viu câmera, quando eles foram gravar o Davi, que você achou que era aquilo?

Morzaniel Iramari: Eu achava que eles iriam, e eu achava que eles iam fazer um tratamento, tipo assim, em uma máquina, como um hospital.

Carol Pires: O Morzaniel lembrou de uma estrangeira que teve na aldeia. Ele viu a mulher se aproximando de um homem mais velho, segurando aquela máquina na mão.

Morzaniel Iramari: Um idoso, ele estava doente, gritando. Aí ela chegou, bateu foto.

Carol Pires: Se uma pessoa tá em sofrimento e outra pessoa chega bem perto dela com uma máquina esquisita, até faz sentido supor que aquilo é pra curar aquela dor.

Morzaniel Iramari: Eu pensava que ela estava fazendo um tratamento, assim. Depois que eu descobri era foto, fotografia.

Carol Pires: O território Yanomami atravessa a fronteira do Brasil com a Venezuela. Eles são um dos maiores grupos indígenas da América do Sul – hoje com mais de 35 mil pessoas. E eles viveram isolados durante muito tempo.

Até meados do século 20, o contato dos Yanomami com os brancos – os napëpë, em Yanomae – era limitado a uns quantos extrativistas, agentes da Funai, aqui e ali algum militar ou missionário.

O próprio Davi Kopenawa ganhou esse nome bíblico – Davi – e aprendeu português com missionários norte-americanos que evangelizaram a comunidade dele nos anos 60.

A filha de um daqueles pastores levou sarampo pra aldeia, e uma epidemia matou a maior parte dos parentes do Davi. Daí, adolescente e órfão, ele se mudou pra outra região pra trabalhar num posto da Funai e, nos anos 70, ele se casou com a filha de um pajé e se mudou pra comunidade dela, a comunidade Watoriki, – que é, justamente, onde o Morzaniel nasceu.

Foi nessa época que o Davi começou a ter contato com antropólogos e ongueiros que depois iam ajudar ele a liderar o movimento pela homologação do território Yanomami. E as câmeras vieram junto.

A primeira lembrança do Morzaniel de uma câmera era aquela mulher estrangeira. A segunda é de um cara jovem de São Paulo.

Morzaniel Iramari: Ele trouxe a câmera grande, de TV. E ele gostava muito dos yanomami. Ele ficou amigo com o meu pai.

Carol Pires: Esse cara pediu pra acompanhar o pessoal no mato durante uma caçada.

Morzaniel Iramari: Aí ele começou a gravar. Quando a gente corria, assim, atrás dos animais, caças, ele corria atrás.

Carol Pires: De novo, o Morzaniel não entendia direito o que o cara tava fazendo. Ele ficou mais impressionado com o fato do cara conseguir acompanhar a corrida carregando um negócio tão pesado. Depois de um tempo, esse cara sentou e chamou o Morzaniel pra ver o que ele tinha feito.

Morzaniel Iramari: Quando ele fez play, aí apareceu uma imagem correndo, as pessoas gritando.

Carol Pires: Deu um nó na cabeça do Morzaniel.

Morzaniel Iramari: Por que nós estamos sentados aqui. E nós ser humano tá lá dentro? Como que ele conseguiu?

Carol Pires: Pros Yanomami, a nossa imagem - a nossa *pei utupë* - é parte da gente. Essa imagem é o que sai do corpo durante o sonho e voa pra longe, pra percorrer este e outros mundos.

Então os mais velhos viam com muita desconfiança isso de gravar uma imagem numa câmera e jogar pra dentro de uma TV.

Morzaniel Iramari: Uma história de imagem, nossa imagem. Outras regiões, eles não aceitam fazer imagem de criança recém-nascida. Eles falam que, a câmara puxa a alma dela, fica doente. Também quando a pessoa tá doente, não pode filmar. Porque a câmera, ela puxa o espírito. Ela puxa de alma.

Carol Pires: Essa intuição é antiga, e ela foi registrada por pesquisadores de vários povos ao longo dos séculos. Antes da invenção da fotografia, tinha gente que às vezes se recusava a posar pra retratos pintados ou desenhados.

E dá pra entender. Porque, independente do seu sistema de crenças, ceder sua imagem a alguém é ceder uma forma de poder. Agora uma parte de você pode ser manipulada, duplicada, passada de mão em mão, usada pra coisas que você pode não fazer a menor ideia, e talvez nem compactue.

Inclusive, muitas dessas primeiras imagens de povos indígenas mundo afora eram usadas pra reafirmar teorias racistas, da suposta supremacia dos brancos.

No Brasil, nos anos 70, a ditadura militar começou a construir a BR-210, conhecida como Perimetral Norte. Depois, dezenas de milhares de garimpeiros invadiram o

território yanomami para roubar ouro. Espalharam violência, gripe, sarampo, tuberculose. Em sete anos, 20% dos Yanomami morreram¹.

Foi nessa época que o Davi Kopenawa entendeu que ele precisava deixar que capturassem a imagem dele. Pra que ela chegasse a quem podia ajudar.

Trecho do filme Davi contra Golias.

Esse é o Davi no filme Davi contra Golias, de 1993, denunciando em Brasília o massacre de Haximu – quando garimpeiros mataram 16 yanomamis, a maioria mulheres e crianças, a tiros e golpes de facão.

Ele diz assim: *"Eu viajei até aqui porque tô com raiva. Estou aqui em Brasília pra falar duro com esses chefes dos brancos que não dão bronca nos garimpeiros e naqueles que os mandam invadir nossas terras e matar nosso povo."*

O Davi começou a viajar o mundo e também a receber equipes internacionais no Watoriki.

E lá tava o Morzaniel, tentando entender tudo aquilo. Depois daquele dia, quando o cara filmou a caça e ele se viu dentro da câmera, ele foi perguntar prum antropólogo que ele conhecia, o Bruce Albert.

Morzaniel Iramari: O antropólogo. Aí eu comecei perguntando: "Por que eles estão gravando as pessoas? O cara veio aqui, ele filmou, ele levou imagem, tá lá na máquina". Ele começou a explicar: "Essa aí é a câmera, eles que grava... pra formar filme, para mostrar pra quem não conhece, de vocês. Essa é uma arma para vocês, a luta de vocês". Aí que eu comecei a entender.

Carol Pires: Na verdade, foi mais do que entender. Porque, se antes, o Morzaniel já tinha ido parar dentro da câmera, agora era câmera que tinha entrado na imaginação do Morzaniel.

Morzaniel Iramari: Aí eu comecei a sonhar com a câmera.

Carol Pires: Os sonhos são uma forma de linguagem muito importante pros Yanomami. Mais até do que em outras culturas. Os sonhos são tão ou mais importantes que aquilo que é vivido fora deles.

¹ <https://survivalbrasil.org/povos/yanomami> Survival Brasil, Priscilla Oliveira.

Eles trazem mensagens, apontam cuidados, caminhos... E os sonhos do Morzaniel começaram a ficar monotemáticos.

Morzaniel Iramari: Dormi, sonha câmera, acorda, cadê minha câmera? Eu estava com câmera, cadê o câmera?

Carol Pires: O Morzaniel ainda não falava português nessa época.

Carol Pires: E como era câmera em Yanomami? Você falava "a câmera" mesmo?

Morzaniel Iramari: O câmera a gente chamava... xaki oraka, a gente chamou até hoje.

Carol Pires: Xaki oraka?

Morzaniel Iramari: Xaki oraka.

Carol Pires: Que significa o quê?

Morzaniel Iramari: Mel de abelha.

Carol Pires: Mel de abelha? Por quê?

Morzaniel Iramari: Porque, assim, tem uma caixa de mel de abelha grande, é igualzinho.

Carol Pires: O Morzaniel começou a aprender português no final dos anos 90, começo dos anos 2000, quando o Davi Kopenawa conseguiu construir uma escola na aldeia com financiamento de uma fundação internacional.

Mas o Morzaniel começou a ficar fluente mesmo quando ele foi pra Boa Vista, capital de Roraima, acompanhar o pai, que precisou fazer um tratamento de saúde.

Na cidade, uma pesquisadora – ele já não lembra o nome dela – deu uma câmera fotográfica de presente pra ele.

Morzaniel Iramari: Aí eu comecei a mexer.

Carol Pires: Ele saiu por Boa Vista afora, tirando foto de tudo que desse na telha. E, quando ele revelou as primeiras imagens, a experiência foi arrebatadora.

Morzaniel Iramari: Aí eu comecei ver, como que eu tirei? [ri] E aí comecei a sentir muito como um tipo de saudade com mulher.

Carol Pires: Você se apaixonou pela câmera igual você se apaixonou por mulher?

Morzaniel Iramari: Com mulher. Aí eu sentia saudade, assim, com câmera. Muito.

Carol Pires: Você tinha namorada nessa época?

Morzaniel Iramari: Não.

Carol Pires: Então não tinha namorada pra ficar com ciúmes da câmera.

Morzaniel Iramari: Não! [ri]

Carol Pires: Na escola, quando perguntavam que que ele queria ser: professor, médico, advogado? Ele sempre dizia: "fotógrafo". Só que esse plano de carreira não tava exatamente acessível pra ele. E, ainda por cima, chegou uma hora que a câmera fotográfica dele quebrou.

Morzaniel Iramari: Na época eu trabalhava também como agente de saúde. Aí eu sonhando, sonhando. Rapaz, eu estou sonhando. Cadê minha câmera? Acho que um dia vou conseguir minha câmera.

Carol Pires: Em 2010, o projeto Vídeo nas Aldeias reuniu indígenas de várias etnias numa oficina em São Gabriel da Cachoeira. Três vagas foram destinadas pros Yanomami, e uma delas ficou pro Morzaniel, claro.

Morzaniel Iramari: Aí eu comecei assim: "Rapaz, eu acho que hoje eu vou pegar câmera na minha mão!" Aí eu perguntando... Pedro: "Agora tem câmera, tem aqui, você vai pegar".

Carol Pires: O instrutor dessa oficina onde o Morzaniel ganhou a câmera foi o Pedro – que você ouviu no começo do episódio, dando aula ao lado do Morzaniel.

Pedro Portella: Meu nome é Pedro Portella e eu nasci em São Paulo e tenho 49 anos e sou documentarista, professor de cinema pra povos indígenas. Então eu trabalhei já com mais de 30 grupos ao longo da vida, e os Yanomami é um grupo muito especial que eu trabalho desde 2010.

Carol Pires: O Pedro era da Associação Filmes de Quintal, que organiza um dos mais antigos festivais de documentário do país, o Forumdoc. Em 2006, ele foi trabalhar no Vídeo nas Aldeias, que tinha começado nos anos 80, com antropólogos

cineastas, o Vincent VANSAN Carelli e a Virgínia Valadão, que tavam querendo devolver o poder da criação de imagem pras comunidades indígenas. E eles já tinham formado muitos cineastas de vários povos.

Pedro Portella: Mas então, daí mesmo o Davi Kopenawa também não curtia essa ideia de cinema em comunidade indígena e tal. Tinha uma resistência à tecnologia. Foi uma coisa do próprio Ailton Krenak. Uma conversa muito longa, aí ele passa a permitir mais a entrada desses bens ocidentais como uma câmera na comunidade indígena.

Carol Pires: O Davi ainda tava meio reticente, mas ele deixou. E o Morzaniel se agarrou na oportunidade.

Morzaniel Iramari: As professoras começam a falar assim: "Agora vocês todos Yanomami vão receber cada kit de vocês".

Carol Pires: O que é que vinha no kit?

Morzaniel Iramari: Vinha filmadora. Câmera digital. Gravador digital. Tripés. Laptop, essas coisas pra fazer o tal filme. Aí, lá que eu comecei a pegar a câmera. Até hoje eu não parei, entendeu. Lá que eu comecei a pegar. Lá que eu casei mulher.

Carol Pires: Você casou com sua câmera?

Morzaniel Iramari: Eu casei com filmadora, mas eu cuidava sempre, até hoje eu cuido.

Carol Pires: Foi com esse kit que o Morzaniel fez o primeiro filme dele, *A Casa dos Espíritos*, que ganhou o prêmio de Melhor Filme, segundo o júri popular, na Mostra Aldeia SP. O filme já tem mais de 1 milhão de visualizações no Youtube.

“A Casa dos Espíritos” mostra cenas do cotidiano na comunidade Watoriki. Uma mulher rala mandioca, um homem prepara açaí. Uns jovens se pintam, as crianças correm atrás dos mais velhos.

Morzaniel Iramari: Só que assim: a primeira, *Casa dos Espíritos*, eu não tinha história, entendeu? Eu peguei câmera, recebi câmera, eu fui pra aldeia. Não sabia que era plano, roteiro, não sabia. Eu só tinha minha ideia, que que é jeito pra mim filmar. Que é jeito que faz na aldeia.

Carol Pires: Eu fiquei pensando nesse jeito de filmar. Você já deve ter visto algum documentário ou reportagem de uma aldeia indígena, seja Yanomami ou seja de outro povo.

Eliakim Araújo: A palavra *yano*, na língua destes índios, quer dizer “casa”.

Carol Pires: São imagens capturadas de fora, pra fora. E o Morzaniel queria fazer o contrário.

Morzaniel Iramari: Acordar, levantar. Os parente levantava para fazer caçada, dança e tal, eu entrava no meio.

Carol Pires: Na cena final, uma liderança importante, o Justino, fala dos rituais de quando ele era jovem. Ele conta da saudade que ele tem, de como tinha mais alegria antes das mulheres da geração dele morrerem.

Parece um relato simples, mas não é. Não é qualquer um que ia conseguir gravar uma liderança mais velha em vídeo, falando pra câmera, e menos ainda lembrando de pessoas que já morreram.

Morzaniel Iramari: Porque, assim, você não pode tirar – nem eu não consigo tirar sem permissão. Eu não posso. Tem regra dos Yanomami. Aí eles falam: “Essa imagem que você está gravando, você vai levar pra onde? Você me tirou foto, minha foto não vai morrer. Eu morro, minha imagem vai ficar viva ainda”.

Carol Pires: Na cultura Yanomami, não se pronuncia o nome de quem já morreu. E, se existem fotos dessa pessoa que morreu, elas devem ser destruídas. O cinema do Morzaniel se adapta a tudo isso.

Na montagem do filme, se aparece alguém que morreu depois de ser gravado, ele deixa de fora. Ele também toma cuidado pra enquadrar a imagem sem cortar a cabeça de alguém – porque os mais velhos não gostam. E é sinal de respeito ouvir o relato completo de quem tá falando, então é mal-educado colocar música por cima de um depoimento.

O segundo filme do Morzaniel é um longa chamado *Urihi Haromatimapë* – ou “Curadores da terra-floresta”, em português. O filme começa com a Amazônia vista de cima. Um avião pequeno aterrissa na aldeia do Morzaniel. Ela fica aos pés da montanha Watoriki. A Montanha do Vento.

No começo do filme, um grupo de Yanomamis tá procurando pela mata uma árvore chamada *yãkoana hi*. Dessa árvore, eles tiram uma casca. Da casca queimada, eles

tiram uma seiva. E, dessa seiva, eles fazem uma mistura com folha de maxahara – que é a base de um rapé. É um pó que, inalado, tem um efeito alucinógeno. Na cosmologia Yanomami, é um alimento pros xapiri, os espíritos da floresta. Quem tá explicando tudo isso, sem aparecer na tela, é o Davi Kopenawa.

Com o yãkoana pronto, outros indígenas mais velhos, começam a pintar os corpos com urucum e jenipapo e se adornam com penas de papagaio, kujubim e arara vermelha². Eles cheiram o rapé e começam a fazer um ritual.

***Davi Kopenawa:** Nós, povo indígena Yanomami, eu queria que vocês conhecer, eu queria que vocês ouvir e acreditar, pra você também aproximar pra gente trabalhar junto. Pra curar, nós cura a doença da floresta.*

Carol Pires: Esse é um encontro com 37 xamãs que o Davi convocou pra curar a terra-floresta e impedir o que ele chama de "a queda do céu". Os xamãs vão, um a um, ao centro da roda e fazem uma dança, imitam os movimentos de animais da floresta. Não sei bem como explicar. Nem o Morzaniel dá explicações no filme.

Desse mesmo encontro, outros dois diretores, o Leandro Lima e a Gisele Motta, fizeram o filme "Xapiri". É um filme bonito de experiência de linguagem. A montagem joga com efeitos visuais, distorções de luz, cor, velocidade das imagens e muitas sobreposições de som.

Os dois filmes foram exibidos em 2014 pra comunidade Watoriki. Primeiro, o filme não-indígena.

Morzaniel Iramari: Aí quando eles colocaram o filme, né. Eles falaram: "Caramba, cadê? Não estamos. Só tem estranho ali. Parece que tá bêbado, sonhando, isso não é verdade, não. Os caras fizeram errado. Eles estão usando a imagem deles. O pensamento deles não é o nosso pensamento, não". Então desliga. Aí, depois, pediram: "Agora a gente quer assistir filme do Morzaniel, não é do 'napa', não". Chama "napa", homem branco: "napa".

Carol Pires: Uma coisa que o pessoal podia ter feito, entre aspas, errado, é que eles sobrepuseram danças e cantos dos xamãs, mas a imagem mostra um deles representando o movimento de um animal, e o som que cobre a imagem é de outro momento, de outro animal.

² <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/YAL00021.pdf>

Há uma briga de representações que eles não gostaram.

Cinema é uma combinação de imagens no tempo, né. E na cosmologia Yanomami, imagem e tempo são entendidos de outro jeito. Então faz sentido que eles gostassem mais do filme do Morzaniel, com poucos cortes, nenhum efeito, falas longas, no tempo que o tempo tem.

Pedro Portella: *O Curadores da Terra Floresta* é um filme de arte porque ele compreende que a arte Yanomami são os movimentos dos corpos. São os gestos, são as expressões faciais. Quando o Morzaniel está vendo um olho, um olhar que se lança pra cima de um xamã, ele está filmando o vazio, ele está filmando o nada. Ele está filmando o espírito do nada. E quando ele vê um espírito cruzando as mãos pra cima, ele tá vendo uma lua cheia. Ele consegue fazer essa tradução que é xamânica, que é uma habilidade de filmar o invisível. Que só um cineasta Yanomami poderia ter narrando essa verdade do próprio povo.

Carol Pires: Com o meu repertório de jornalista, eu diria que o Morzaniel tem muita técnica de reportagem, muito conhecimento sobre o meio que ele tá retratando – e muito acesso às fontes. Mas é inegável que ele tem muito talento também. Talento de cineasta.

Pedro Portella: Não é um talento que também nasceu lapidado, nada disso. É um cineasta que ama assistir filme e olha os cineastas brasileiros que vieram antes dele, os não indígenas também. Adora o trabalho do Takumã, também Kuikuro, os indígenas, não indígenas, mas com a mesma seriedade. Ele fala: “Como eles fazem para fazer esses movimentos? Como que esse movimento de câmera foi feito? Que genial, que genial que é aquela caçada do Curupira no Macunaíma!” Ele fica, assim, perplexo com aquilo até hoje, morre de dar gargalhada com aquilo. Ele pode assistir 30 vezes a mesma cena com a curiosidade de quem está assistindo pela primeira vez e aprendendo muito sobre esses movimentos de câmera.

Carol Pires: O último filme que o Morzaniel lançou se chama *Mãri-hi'*, *A Árvore do Sonho*, que ganhou um prêmio no festival de Gramado, foi exibido no festival de Veneza, e selecionado pra a pré-lista da IDA Awards, da International Documentary Association – o único curta representando o Brasil.

Trecho do filme Mãri-hi', A Árvore do Sonho.

Carol Pires: A voz, mais uma vez, é do Davi Kopenawa.

Trecho do filme Mãri-hi', A Árvore do Sonho.

Carol Pires: De um filme pro outro, dá pra ver um amadurecimento no enquadramento do Morzaniel. Ele também explora mais. Foca em contornos e sombras, filma em contra-luz, faz mais planos em movimento. E essa linguagem encaixa perfeitamente no que o Davi tá falando por cima das imagens: que quando as flores da árvore Mãri surgem, os sonhos também florescem.

No final de *Mãri Hi*, o Davi aparece pela primeira vez na tela, sentado, escrevendo num caderno, enquanto a voz dele, sobreposta à imagem, diz que ele espera que as palavras dele sejam traduzidas pras línguas dos brancos pra elas serem compreendidas por todos... pra gente ser mais sábio juntos.

A experiência do Davi de ser porta-voz dos Yanomami fez ele ressignificar a gravação da própria imagem e até mesmo o significado da câmera.

Pedro Portella: O próprio Davi coloca que tudo o que foi tirado da terra é a própria câmera. Ela foi roubada dos povos indígenas. Então a própria máquina, ela é um roubo. Então, quando os indígenas pegam a câmera de volta, eles estão pegando de volta esse objeto que lhe foi furtado através do que: a mineração. Então, já que todos os elementos estão no fundo da Terra, não tem nada mais legítimo do que eles pegarem a câmera para eles de volta. Então, não tem nenhuma operação. A gente não está chegando lá com o objeto que é estranho para eles. Ela é só um pouco mais materializado na linguagem ocidental, da tecnologia ocidental, porque imageticamente, dentro do imaginário indígena, eles possuem tecnologia muito superior.

Carol Pires: O que ele diz é que a câmera é feita do material que foi roubado do território indígena. E eles já tinham uma tecnologia bem parecida: os sonhos.

Pedro Portella: Esse percurso da câmera, de filmar em todos os lugares do mundo, transitar pela floresta, os Xapiri e os xamãs já fazem, por exemplo, em sonho, quando eles vagam durante a noite. Então não tem novidade nenhuma pra eles. Eles podem até bocejar contando essa história de que um drone, por exemplo, é uma coisa super simples. É um objeto primário perto da capacidade mágica de um xamã voar para muito mais longe.

Carol Pires: Já faz tempo que o Morzaniel entendeu que a câmera não é um equipamento médico. Mas ele entendeu também que ela pode ser mesmo uma tecnologia de cura. E não é só ele que entendeu isso, o Davi Kopenawa também.

Pedro Portella: Outro dia, mesmo, nem tem tanto tempo, a gente estava realizando oficina nos Yanomami, agora há pouco tempo o Davi

virou para mim e falou que ele achou muito legal a coisa da câmera. “Vocês têm que aprender, e a juventude tem que aprender a fazer isso mesmo, igual eu aprendi a contar história, igual a gente aprende a fazer xamanismo” – com aquelas metáforas lindas que ele faz.

Carol Pires: Dá pra dizer que o Morzaniel é um tradutor de línguas, de sonhos, de conhecimentos invisíveis, e também de gerações.

Ele entende a dimensão de um sonho xamânico, o alcance de uma tradição oral repassada por gerações. Mas ele também entende como a captura da imagem pode não necessariamente enfraquecer alguém, mas sim fortalecer o grupo.

Morzaniel Iramari: Como o Davi fala: "pode gravar". Eu morro, mas continuo falando que é minha luta, entendeu? Eu sempre falo para minha filha: "Ó, não apaga a minha imagem, não. Não queima foto, não. Você pode assistir aí entendendo que o que eu falava para os não-indígenas".

Carol Pires: Morzaniel, e hoje, você já teve quantos alunos, já ensinou cinema pra quanta gente?

Morzaniel Iramari: 15. 15 pessoas.

Carol Pires: E você acha que vai sair outro talento igual a você?

Morzaniel Iramari: Sim, outro. Minha filha, ela já sabe editar, montar filme. Fazer o roteiro, fazer filmagem, ela sabe bater foto.

Carol Pires: E sua filha está com quantos anos?

Morzaniel Iramari: 16.

Carol Pires: E quantos filhos você tem?

Morzaniel Iramari: Seis. Eu casei dois mulher.

Carol Pires: E de alguma delas você gostou mais do que você gosta de câmera?

Morzaniel Iramari: Mas eu gostava como de câmera também, só que ela que me deixou.

Carol Pires: Ah, por quê?

Morzaniel Iramari: Não sei, porque sempre que eu viajava muito. Porque na época, quando comecei a fazer oficina, eu não parava não. Viajava direto. Passava um mês, dois meses, ela cansou de ficar sozinha, aí ela desistiu, pra separar. Aí eu separei, depois eu encontrei hoje de novo. Mesma coisa eu tô fazendo, eu não estou ficando com ela, estou sempre viajando.

Carol Pires: Ou seja, você gosta mais da câmera do que delas, né?

Morzaniel Iramari: Não, mas eu gosto delas também. Com câmera.
[risos]

Branca Vianna: Essa foi a Carol Pires, produtora sênior da Novelo.

Essa história foi produzida em parceria com o Brazil LAB do Instituto de Estudos Internacionais e Regionais da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos – uma iniciativa acadêmica que considera o Brasil um nexo planetário vital. Conheça mais em brazillab.princeton.edu.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Essa semana, no nosso site, tem links pra assistir aos primeiros dois filmes do Morzaniel, “Casa dos Espíritos” e “Curadores da Terra-Floresta”. Também vamos deixar linkado o ensaio que o Evandro Cruz Silva publicou na revista serrote sobre a experiência dele.

Você pode aproveitar que você tá no site pra se inscrever pra receber nossa newsletter, que chega toda quinta-feira anunciando o episódio e trazendo dicas culturais escolhidas a dedo pela equipe da Novelo.

Na plataforma onde você tá ouvindo esse episódio, dá pra seguir o Rádio Novelo Apresenta pra não perder nenhum episódio. Você pode se inscrever no canal da Novelo no YouTube, seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, favoritar na Deezer. E se você quiser falar com a gente, é só marcar [@radionovelo](https://twitter.com/radionovelo) no Twitter ou no Instagram, ou mandar o velho e bom e-mail pra apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, a Júlia Matos, e a Ashiley Calvo.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima.

Nesse episódio, a gente usou música original de Victor Rodrigues Dias, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.